



SOCIEDADE ABERTA

'Hard times'



Pedro da Rosa Ferro
Professor da AESE

Austeridade. Não gosto da palavra. Evoca rigidez, severidade, aspereza. Tem o sabor – o azedume – do estoicismo desencarnado, do moralismo sem graça, dos impostos, da resignação. Lembra-me o frio, a escassez, a

inclemência, a sovinice, o Inverno. Lembra-me o Natal do senhor Scrooge, antes da sua conversão. Contudo, “austeridade” pode ser também nome de uma virtude: opõe-se ao comportamento flácido, balofo e barroco, à conduta desleixada, caprichosa e sem nervo. Favorece a integridade, independência e desprendimento. Recorda que a plenitude humana é um bem árduo.

Na discussão actual sobre os méritos da austeridade, podemos reconhecer duas perspectivas económicas rivais: uma associa o espírito do capitalismo às virtudes da poupança, parcimónia e abstinência; outra funda o progresso económico nas virtualidades do consumo e da fruição do momento presente.

Historicamente, a primeira perspectiva – que sublinha a escassez de recursos – está conotada com o capitalismo victoriano ou com o ascetismo calvinista. A segunda – para a qual o problema fundamental é a inibição do consumo, a resolver por intervenção do Estado – será herdeira do materialismo e hedonismo de Keynes e do *carpe diem* que ele proclamou (porque ‘in the long run we are all dead’). Do ponto de vista conceptual, esta genealogia ideológica não é absolutamente necessária, muito menos na versão dicotómica apresentada. Todavia, não é de excluir que a intransigência alemã e a sua postura “punitiva” se filiem naquela visão moral. Paralelamente, é provável que o consumismo, frivolidade financeira e recusa em projectar o futuro – que caracterizaram o nosso passado recente – reflectam de algum modo o pensamento keynesiano.

Haverá talvez um ponto de equilíbrio entre esses dois extremos. Em qualquer caso, a retórica sobre a austeridade como remédio para a crise financeira ressuscita a interrogação sobre as “contradições culturais do capitalismo”, prognosticadas por Daniel Bell: o capitalismo floresce no chão de virtudes que o seu florescimento socava. O seu sucesso requer frugalidade, laboriosidade, gratificação diferida e prudência; o seu sucesso produz opulência, preguiça, intemperança e irresponsabilidade. Terá o capitalismo moderno, associado à nossa democracia emocional – em que o Estado se reclama de “bem-estar” e promete a felicidade – provocado a corrosão do nosso carácter e condicionado a nossa liberdade? Ou fomos nós que fizemos degenerar o capitalismo? ■